



EM DEFESA DE UM MAIOR COMPROMISSO DE PESQUISADORES PÓS-GRADUANDOS COM A DIVULGAÇÃO DO CONHECIMENTO CIENTÍFICO

DEFENDING A MAJOR COMMITMENT OF THE RESEARCHER IN POST GRADUATION COURSE IN RELATION TO THE DIFFUSION OF SCIENTIFIC KNOWLEDGE

José Cezinaldo Rocha Bessa¹

Resumo: Nosso objetivo, neste ensaio, consiste em fazer uma defesa em torno da necessidade de um maior comprometimento de pesquisadores pós-graduandos com a atividade de comunicação científica. Dialogando com trabalhos de estudiosos que discutem a escrita e a publicação científica no campo das humanidades, sistematizamos o presente texto em quatro direções, quais sejam: i) sustentar a compreensão de que a comunicação científica está na essência e na alma da produção do conhecimento científico; ii) pontuar elementos para fazer pensar o porquê o pós-graduando deveria se envolver com a comunicação dos resultados de sua pesquisa; iii) compartilhar ações que um programa de pós-graduação da área de ensino tem desenvolvido para implementar uma cultura de comunicação científica entre seus discentes e egressos; iv) reforçar nosso papel como agentes formadores de profissionais pesquisadores cada vez mais engajados e comprometidos com a divulgação do conhecimento científico e com mundo no qual vivemos e atuamos.

Palavras-chave: Comunicação científica; Pós-graduandos; Área de ensino.

Abstract: Our aim, in this essay, is defend the need for a greater commitment of researchers in post-graduation, especially post-graduate students, with the activity of scientific communication. In dialogue with previous works which approach writing and the scientific publication on the humanities, we systematize this study in four directions, namely: i) keeping the understanding that scientific communication is in the core and soul of the production of scientific knowledge; ii) punctuating elements to reflect on why graduate students should become more and more involved with the communication of their research results; iii) sharing actions that a graduate program in the teaching area has developed to implement a culture of scientific communication among its students and graduates; iv) reinforcing our role as training agents for research professionals who are increasingly engaged and committed to the dissemination of scientific knowledge and to the world in which we live and work.

Keywords: Scientific communication; Researchers in post graduation; Education.

1 À guisa de introdução

O pensamento de senso comum imputa à teoria ficar no âmbito das ideias, que pouco teriam a contribuir para práticas efetivas. Ledo engano! Ingenuidade! São as ideias, os conceitos, que desde sempre fizeram girar o mundo! (Machado, 2012, p. 26).

O presente texto, de natureza ensaística, se gesta tomando como mote a ideia sustentada na epígrafe acima. Comungando do pensamento de Machado (2012), assumimos a compreensão de que as trocas de ideias têm o poder de mover o mundo e de

¹ Doutor em Linguística e Língua Portuguesa pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP), *Campus* de Araraquara. Docente da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), *Campus* de Pau dos Ferros. Pau dos Ferros, RN, Brasil. E-mail: cezinaldobessa@uern.br



torná-lo melhor a cada dia e menos “assombrado pelos demônios”². Nessa linha, sustentamos que, como as ideias geradas no universo da ciência movem o mundo e a vida das pessoas em sociedade, elas não podem, por decorrência, jamais ficar enclausuradas. E, por assim entendermos, argumentamos em defesa de um maior compromisso de pós-graduandos com a socialização do conhecimento científico como fundamento inalienável de sua formação como pesquisador e como agente transformador do mundo em seu entorno, afinal, conforme ensina Freire (1996), estar no mundo nos implica: “[...] meu papel no mundo não é só de quem constata o que ocorre mas também o de quem intervém como sujeito de ocorrências. Não sou apenas objeto de *História* mas seu sujeito igualmente. No mundo da História, da cultura, da política, *constato* não para me *adaptar* mas para *mudar* (Freire, 1996, p. 77, grifos do autor).

Seguindo essa compreensão, advogamos aqui que o compromisso de todo sujeito que se aventura no universo da pesquisa científica, incluindo o pesquisador em processo de formação na pós-graduação, vai muito além do desenvolvimento de uma investigação e de seu próprio projeto pessoal de formação continuada. Argumentamos nessa direção porque acreditamos que o conhecimento produzido por mestrandos e doutorandos precisa ser, como sustenta Machado (2012), amplamente compartilhado. Assim sendo, muito mais do que meramente produzir uma dissertação/tese ou publicar um trabalho como uma exigência do programa de pós-graduação, mestrandos e doutorandos precisam se comprometer com a difusão mais ampla dos resultados de sua investigação como forma de contribuir com a sociedade e o mundo em que vivemos.

Na linha de defesa expressa no parágrafo anterior, queremos fazer pensar, também, que o conhecimento científico produzido no interior dos programas de pós-graduação precisa ir além de sua disponibilização, sob a forma de dissertação ou tese, em repositórios institucionais. Partimos do entendimento de que os investimentos que se fazem na universidade, e sobretudo no sistema de pós-graduação brasileiro, podem ser melhor aproveitados e/ou potencializados, caso possam ser compartilhados com mais interlocutores/leitores, de modo que o que nela se produz “não seja desperdiçado e para que sua potência transformadora venha a se fazer ação” (Machado, 2012, p. 26).

Consideremos, ademais, que, num universo tão complexo e disputado como é a maioria das seleções de ingresso em programas de pós-graduação *stricto sensu* do país, o

² Esse termo remete ao título do livro de Sagan (2006), *O mundo assombrado pelos demônios: a ciência vista como uma vela no escuro*, mas, neste texto, queremos fazer pensar, por exemplo, no caso do enfrentamento dos movimentos negacionistas tão disseminados em nosso tempo.



despertar de um espírito mais solidário e de uma consciência coletiva em relação ao compartilhamento do saber neles gerado poderia fazer de nós agentes ainda mais corresponsáveis pelas oportunidades de formação que nos são oferecidas e de produzirmos impactos educacionais e sociais mais significativos.

Partindo dessas compreensões, pretendemos, no presente texto, sustentar a defesa de um maior compromisso de pesquisadores pós-graduandos com a socialização e difusão mais ampla do conhecimento científico³. Entendendo que esse compromisso deva ser uma questão muito bem resolvida nas práticas de pesquisadores especialistas, neste sentido, o texto se propõe a compartilhar apontamentos sobre a importância e necessidade do envolvimento com a comunicação científica tendo como foco mais específico pesquisadores menos experientes, notadamente aqueles que se encontram em formação na pós-graduação. O conjunto de iniciativas implementadas no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Ensino (PPGE), da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), com foco no desenvolvimento de uma cultura de comunicação científica entre seus discentes e egressos, é reportado como um caso que visa a ilustrar possibilidades de engajamento de pesquisadores pós-graduandos com a socialização e difusão mais ampla do conhecimento científico.

Na intenção de dar conta desse propósito, aviltramos, inicialmente, a compreensão de que a comunicação está na essência e na alma do fazer científico; em seguida, pontuamos alguns elementos para fazer pensar o porquê o pós-graduando deveria se envolver cada vez mais com a comunicação de sua pesquisa; e, num terceiro momento, procuramos compartilhar ações que o PPGE/UERN têm desenvolvido para implementar uma cultura de comunicação científica entre seus discentes e egressos. Por fim, tecemos nossas considerações finais reforçando nosso papel como agentes formadores de profissionais pesquisadores cada vez mais comprometidos com a divulgação do conhecimento científico e ávidos por fomentar a difusão das ideias como mola propulsora para o alcance de novos leitores e interlocutores e de replicadores de experiências cientificamente respaldadas.

2 A essência do conhecimento científico: divulgar é preciso

³ Como apontam Ross-Hellauer *et al.* (2020), as possibilidades dessa socialização se ampliaram consideravelmente no contexto das tecnologias digitais e da ciência aberta. Para saber como potencializar a divulgação dos resultados das pesquisas, recomendamos a leitura das regras apresentadas pelos autores.



Poder-se imaginar Einstein conservando para si as conclusões de suas pesquisas sobre a relatividade? **Que interesse teria uma pesquisa sobre a evasão escolar, se ela precisasse permanecer confidencial?... De fato, a pesquisa só tem valor quando comunicada** (Laville; Dionne, 1999, p. 237-238, grifos nosso).

Embora muito comuns em manuais de metodologia e redação científica, passagens como esta reproduzida acima talvez sejam lidas, frequentemente, com menor atenção e/ou interesse por muitos dos sujeitos que estão começando no universo da pesquisa científica e, quem sabe, até por alguns com um certo percurso de vivência na cena acadêmica. Mesmo correndo o risco de “chover no molhado”, compreendemos, em função dos propósitos deste texto, que seja pertinente retomar e enfatizar aqui a ideia que tal passagem expressa.

Quem está começando a fazer pesquisa deve(ria) ter bastante claro que, em sua essência, o conhecimento científico não se encerra na sua etapa de produção. Como elemento inerente à atividade científica, a comunicação cumpre o papel fundamental de conectar pesquisadores e suas criações, suas descobertas e contribuições ao campo científico, assim como à sociedade, uma vez que é basilar que as pesquisas se revertam em benefícios a favor desta.

Sem a atividade de comunicação da ciência, pesquisadores se ignoram e as fronteiras do conhecimento científico ficam, em alguma medida, comprometidas e/ou inexploradas, ou seja, sem a comunicação científica, perde-se o necessário elo que torna possível mensurar o estado de conhecimento e capaz de fazê-lo avançar em termos de compartilhamento de novas descobertas e contribuições científicas. Nesse sentido, podemos assegurar que a pesquisa perde em sua razão de ser, se os seus “resultados não forem divulgados entre os especialistas para que outros colegas possam confirmar ou refutar os resultados e continuar a colocar novos tijolos na construção do conhecimento” (Pichel, 2022, s. p, tradução nossa⁴).

Não basta, pois, que o conhecimento seja meramente produzido ou mesmo que se produza, inclusive de forma indiscriminada, por obrigação de se produzir e/ou com fins de inflar o currículo tão somente, nos moldes de uma lógica produtivista. Esse conhecimento precisa ser produzido com o propósito de ser compartilhado, difundido, tornado público, lido, a fim de que, em seu sentido amplo, cumpra sua finalidade de contribuir para o bem comum das pessoas.

⁴ Original em espanhol: “los descubrimientos no se difunden entre los expertos para que otros colegas puedan confirmar o refutar los hallazgos y continúen poniendo nuevos ladrillos en el edificio del conocimiento”.



Como condição de desenvolvimento de pesquisas sérias e com rigor, a atividade científica pressupõe, inevitavelmente, o diálogo com a comunidade de pesquisadores da qual fazemos parte. Nesse raciocínio, as pesquisas precisam se encontrar, estabelecer diálogos e ser submetidas à crítica, ou seja, necessitam passar pelo crivo do olhar crítico e do questionamento dos pares. Isso só ratifica a compreensão de que o ciclo da vida de uma produção científica não se encerra no ato de sua produção; ele só se fecha, como bem apontam Laville e Dione (1999), com a comunicação dos resultados da investigação, em espaços que possibilitem sua validade e ampla circulação. Esse ciclo, como o compreendem Machado (2007) e Bianchetti (2012), congrega, portanto, uma tríade, qual seja: pesquisar, escrever e publicar.

Num contexto, pois, que se tem denominado de cultura do acesso aberto, as possibilidades de uma publicação científica chegar a mais leitores e cumprir sua função principal de ser lida e utilizada por pessoas, instituições e organizações se ampliam consideravelmente, o que tende a ser um grande ganho para a comunidade científica e educacional e para a sociedade. Esse tipo de compreensão por si só já poderia/deveria nos mobilizar no sentido de não enclausurarmos ou retardarmos⁵ a socialização de nossas produções, mas, ao contrário, de fazê-las encontrar ecos e ressonâncias em outras pesquisas e, também, em práticas pedagógicas, quando, por exemplo, levamos em conta o potencial das pesquisas desenvolvidas no âmbito da educação e do ensino.

Com base no exposto até então, arriscamo-nos a apontar, pelo menos, duas das perspectivas que, segundo nosso ponto de vista, deveriam nos orientar quanto à importância e à necessidade de socializar nossas produções científicas, a saber:

1) a perspectiva de que toda produção científica rigorosa e qualificada precisa, necessariamente, passar pelo crivo da avaliação dos pares⁶, não se restringindo, portanto, às bancas de qualificação e de defesa de um trabalho de conclusão de curso. Como sabemos ou deveríamos saber, a avaliação por pares que ocorre no sistema de publicação em periódicos científicos representa a possibilidade de debater ideias, expô-las a críticas e testar a validade de tais ideias, como também de corrigir eventuais problemas (inclusive teóricos, metodológicos, analíticos, dentre outros) e apontar

⁵ Jackevicius (2017), em editorial de sugestivo título *O dever de publicar*, suscita associarmos a questão do guardar/retardar a publicação dos resultados de uma pesquisa a uma postura antiética do pesquisador na atividade científica.

⁶ Embora seja esperado como de conhecimento tácito, não custa lembrar que a revisão por pares constitui o núcleo de legitimidade científica de todo o processo de publicação científica qualificada, conforme sublinha documento da Red PACTS, disponível em: <https://revistas.unlp.edu.ar/CTyP/article/view/14522>. Acesso em: 13 jan. 2023.



caminhos que possam potencializar a qualidade da produção científica. Entendemos, pois, que, embora possamos contar com a expertise dos membros das bancas de qualificação e de defesa que avaliam dissertações e teses com a seriedade e o rigor esperados na atividade científica, o trabalho pode, mesmo após essas etapas, revelar ainda aspectos a serem melhorados, corrigidos, ampliados e/ou aprofundados. Além disso, consideremos que a qualidade de uma produção científica pode ser potencializada quanto melhor e mais cuidadoso, ampliado e consistente for o feedback dos pares, como aquele que se abre, por exemplo, no circuito das publicações em periódicos científicos. Desse modo, é possível avançar muito mais na qualidade e no impacto da contribuição dada por uma pesquisa científica.

2) a perspectiva do compromisso e da responsabilidade do pesquisador com o uso social e prático do qual podem se revestir os resultados de sua investigação. Não somente por uma exigência que tem se imposto via agências de fomento e sistemas de avaliação, o desafio de “demonstrar o valor prático das ideias” (Machado, 2012, p. 27) convoca-nos a pensar, especialmente a nós que advogamos em defesa de transformações e melhorias na educação básica, sobre o estabelecimento de um diálogo, cada vez mais estreito e produtivo, entre os saberes que produzimos no interior dos programas de pós-graduação e a escola – ou mais precisamente entre pesquisadores da pós-graduação e profissionais da educação, principalmente do ensino básico.

Quanto a esta última perspectiva, que, sobremaneira, nos interessa destacar neste texto, queremos fazer pensar que o diálogo entre universidade/escola pode ser mais profícuo e produzir impactos mais positivos e notáveis, caso pós-graduandos - mestrandos e doutorandos (e não somente os professores universitários) - se sintam, também, corresponsáveis pelas transformações sociais que suas investigações podem trazer ao chão da escola. Para tanto, é preciso termos claro que tais investigações não podem/deveriam ficar penduradas em um repositório institucional apenas, ainda que lá elas possam ser acessadas. O problema que reside aí é que, “ao não se tornar conhecida, ao permanecer nos bastidores, em relatórios confinados, não acessíveis e indisponíveis, a pesquisa não pode servir de base a novos estudos, não promove descobertas nem contribui para a evolução do conhecimento” (Machado, 2007, p. 140).

É, portanto, indispensável que a etapa da socialização que compõe o ciclo da produção do conhecimento não seja, umbilicalmente, cortado do percurso da formação de jovens pesquisadores, justamente porque é nesse universo, o da pós-graduação *stricto*



sensu, onde, dada a sua amplitude e pujança, essa socialização tem, no caso do Brasil, sua maior potência para produzir resultados positivos e gerar impactos na vida em sociedade e na comunidade educacional.

Reiteramos, seguindo esse entendimento, que a atividade científica é movimento na direção do encontro com o outro, com a comunidade científica, com a sociedade. Desse modo, o sentido do pesquisar e do escrever um texto de pesquisa é, antes de tudo, anunciar resultados significativos, consistentes e relevantes⁷, ampliando suas possibilidades de circulação e uso público. Conforme sublinha Day (2001), é a própria experiência de pesquisa que só termina com a sua comunicação, por mais que os resultados da investigação empreendida sejam os mais espetaculares possíveis.

Divulgar amplamente os resultados das pesquisas: eis um desafio no qual desejamos ver os jovens pesquisadores se lançarem cada vez mais, bem como se comprometerem de maneira ativa e efetiva, afinal, temos a convicção de que há muitos resultados espetaculares, decorrentes de empreendimentos investigativos de mestrandos/mestres e doutorandos/doutores, que acabam ficando na completa ignorância de uma audiência ainda mais ampla, incluindo aí a comunidade educacional, quando são reduzidos à circulação, em repositórios institucionais, sob a forma de dissertação ou de tese.

Reforçamos, por fim, a importância também do compartilhamento de ideias e de trabalhos de pesquisa em desenvolvimento, como aponta Pennarola (2023), porque este exercício representa uma forma imprescindível para qualificar pesquisas e aumentar as possibilidades de seus impactos. É parte necessária da vida acadêmico-científica e do percurso de formação de um pesquisador, e que precisa ser compreendida como espaço de abertura para o debate de ideias e o aprimoramento da pesquisa, e não como um momento para meramente expor os resultados, dados como finalizados.

3 Pesquisar na pós-graduação e disseminar o conhecimento produzido: provocações para fazer pensar e agir

⁷ Mesmo quando os resultados de uma investigação não forem tão relevantes, não se deve perder o ímpeto em relação à sua divulgação. Como lembra Bianchetti (2002, p. 110), citando Longhi (1992), “embora muitas vezes, estes [resultados dos estudos] sejam até incipientes, é fundamental que tenhamos coragem, humildade e condições de externar nossos ‘achados’, a fim de expô-los à crítica”, e, por conseguinte, aprendermos com ela, com vistas ao aprimoramento das atividades de pesquisa e escrita do texto científico.



Severino (2007) nos diz que é no tecido da instituição universitária que a pesquisa se desenvolve capilarmente. Ele acrescenta que é mais especificamente no âmbito da pós-graduação, como lugar de produção, cultivo e sistematização de conhecimento novo, que a prática da pesquisa encontra seu lugar natural, sua centralidade (Severino, 2009, 2012). O pressuposto que enreda essa compreensão do autor, da qual compartilhamos aqui, é que a finalidade do processo de ensino-aprendizagem neste nível é “desenvolver uma pesquisa que realize, efetivamente, um ato de criação de conhecimento novo, um processo que faça avançar a ciência na área”⁸ (2009, p. 15-16).

Para além da função central e do compromisso da pós-graduação *stricto sensu* com a geração de conhecimento novo e o avanço da ciência, aspectos defendidos por Severino (2009), não podemos perder de vista que essa mesma pós-graduação cumpre, também, conforme a própria política da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), o importante papel de formar recursos humanos qualificados para diversos segmentos, o que engloba formação de pessoal para o ensino superior, melhoria do ensino básico e sistema de saúde, fortalecimento da gestão pública, valorização da cultura e do pensamento sobre o homem e a sociedade, dentre outros (Brasil, 2010). Ademais, um de seus focos centrais tem sido a formação qualificada para a docência nos diferentes níveis de ensino e, mais recentemente, como assinala Netto (2018), para o contexto da educação básica.

Insistimos aqui, portanto, no papel e na função que a pós-graduação assume com o fazer pesquisa e produzir conhecimento científico de qualidade e socialmente relevante. Nessa vertente, é imperioso sustentar a defesa de uma cultura da pesquisa e das publicações científicas (Machado, 2007) no contexto da pós-graduação *stricto sensu*, tendo no horizonte que é preciso que os trabalhos dos pesquisadores devam, para além da produção em ritmo fordista e assentada na valorização da quantidade em detrimento da qualidade (Waters, 2006), ocupar o espaço público, tornando-se, como suscita Machado (2007), acessíveis a muitas pessoas e relevantes para suas vidas.

Se as pesquisas não são divulgadas ampla e publicamente, elas não podem cumprir plenamente o seu ciclo, tampouco fazerem valer o seu investimento e o impacto na realidade (Machado, 2007). No caso das investigações desenvolvidas em áreas do

⁸ Cabe pontuar que, além da produção do conhecimento novo, o processo investigativo na pós-graduação apresenta, segundo Severino (2012), mais três finalidades intrínsecas, porém, indiretas, que compõem o que ele denomina de perspectiva pedagógica da pós-graduação: a formação de novos pesquisadores, a formação de docentes universitários e a formação de intelectuais.



conhecimento como educação e ensino, por exemplo, o compromisso dos pós-graduandos com a divulgação de conhecimentos relevantes para a comunidade educacional acaba, inevitavelmente, sendo uma necessidade e um desafio a ser enfrentado e potencializado no âmbito dos programas de pós-graduação por meio de iniciativas de formação e apoio, inclusive financeiro.

É bem verdade, contudo, que no relatório da CAPES (Brasil, 2021) sobre a *Evolução do SNPG no decênio do PNPG 2011-2020* se encontra reforçada a atenção com a educação básica como uma preocupação assumida pelos programas de pós-graduação de todas as áreas do conhecimento, e não somente do campo da educação. Desse modo, compreendemos que, ainda que seja um compromisso para todas as áreas, nossa vocação de pesquisa centrada em temas relacionados ao ensino e à educação pública brasileira acaba por nos constituir como agentes inteiramente implicados com o desenvolvimento e o compartilhamento de reflexões, ações e estratégias voltadas à melhoria da educação nos diferentes níveis.

Como função de todo pesquisador comprometido com seu ofício e seu campo de atuação profissional e como forma de responder a demandas como aquelas postas no relatório da CAPES (Brasil, 2021), o desenvolvimento de reflexões, iniciativas e estratégias que deem conta de sinalizar, para o pós-graduando, o valor e a importância da socialização dos resultados de suas pesquisas é um desafio que, por exemplo, temos abraçado em um programa de pós-graduação em ensino, conforme detalharemos na próxima seção deste texto.

Nosso esforço como pesquisadores um pouco mais experientes e formadores de pesquisadores é no sentido de fazer-nos escutar sobre a importância da divulgação da produção científica de pós-graduandos, para que experiências de investigação possam circular e o conhecimento científico gerado possa ser acessível para mais e mais pessoas, sobretudo para profissionais do ensino, dada a possibilidade que se abre desse conhecimento se transformar em fonte de reflexão e inspiração às diversas práticas pedagógicas. É nessa direção que apontam as palavras de Ribeiro (2022, p. 14) em prefácio de livro publicado, fruto de uma tese de doutorado de uma de suas orientadas:

[...] a tese já defendida ganha corpo de livro, com mais potencial de ser lida, vista, estudada, comentada e testada. A proposta deixa de ser um arquivo num banco de trabalhos acadêmicos e se transforma em um objeto editorial vigoroso e volante, em mais uma demonstração de que a pesquisadora tem os pés na sala de aula, e, além, na sala dos(as) professores(as). Seu assunto é ensinar a escrever, mirando alcançar os(as) jovens que logo enfrentarão, mais que um exame nacional, uma sociedade inteira, grafocêntrica



e eivada de desafios relacionados aos letramentos e à própria cidadania (grifos nosso).

Na linha do que suscita Ribeiro (2022), um trabalho de pesquisa que vai ao encontro das necessidades da escola, da sala de aula e da formação e atuação de professores pode contribuir para alavancar a qualidade do ensino de/em outros contextos, caso conte com a possibilidade de uma divulgação ampliada, como, por exemplo, a publicação em formato de livro ou de artigo em periódico científico, sobretudo quando veiculado em revistas de acesso aberto.

Não que imaginemos que direcionamentos dessa natureza signifiquem viabilizar a mera reprodução de uma experiência, uma vez que, como nos lembra Nóvoa (2022), todas as experiências são únicas, e não podem ser replicadas por outros sujeitos, contudo, conforme sinaliza ainda o autor, os princípios, as dinâmicas e os resultados de experiências podem cumprir a valorosa função de inspirar novos projetos e iniciativas nas práticas docentes.

Em que pese, todavia, o crescimento exponencial e pujante da pós-graduação brasileira, cabe-nos questionar: o que fazem os estudantes e egressos dos programas com os resultados de suas investigações? E também: qual o impacto das investigações desenvolvidas por esses sujeitos para a sociedade?

Como decorrência desses questionamentos, chegamos a um outro que nos provoca, inquieta e implica mais diretamente, a saber: qual o potencial de impacto para o contexto educacional de investigações, desenvolvidas no interior dos programas de pós-graduação, que ficam enclausuradas na condição de um arquivo num banco de trabalhos acadêmicos de uma instituição?

Esse tipo de questão acarreta, naturalmente, a defesa de que a ciência precisa ser amplamente difundida no meio social, o que implica, conseqüentemente, ampliar os formatos e os meios de comunicação da ciência para além do modo que se realiza entre os pares da academia. Nesse contexto, ganha força o discurso em torno da divulgação não especializada: “o conhecimento produzido na universidade e a qualificação dos pesquisadores formados na pós-graduação **atinge real importância quando são socializados através dos diversos meios de divulgação não especializada**” (Netto, 2018, p. 50, grifos nosso).

Conquanto a defesa da necessidade de divulgação não especializada constitua, de fato, um desafio urgente e inadiável nas nossas agendas de pesquisadores, insistiremos aqui que um entrave que enfrentamos ainda é fazer com que todos os nossos estudantes



de pós-graduação se comprometam efetivamente com a experiência de divulgação dos resultados de suas investigações, inclusive para os próprios pares, posto que “o não-escrever ou o escrever pouco priva os pares de ter contato com o que se está fazendo e pensando. O ato de escrever e publicar evitaria que, muitas vezes, ‘se inventasse a roda novamente’” (Bianchetti, 2002, p. 110).

A despeito dessa sinalização, a impressão que temos é que muitos estudantes de determinados campos do saber das humanidades publicam algum trabalho durante ou após sua formação na pós-graduação bem mais pela pressão e/ou pela exigência do programa do que guiados pela compreensão de que divulgar os resultados de sua pesquisa deveria ser uma experiência prazerosa e significativa para o pós-graduando e parte essencial do seu ofício de pesquisador. Deixar de fazê-lo representa, como diria Machado (2007), um equívoco na escolha da profissão, considerando que a vida de pesquisador, como já sinalizado mais acima, implica a tríade escrever, pesquisar e publicar.

Não é tão raro assim constatarmos ainda dissertações e teses que se limitam a ser um arquivo (morto?!) num banco de trabalhos acadêmicos da instituição. E aqui cabe retomarmos dois questionamentos apresentados por Machado, Lorenzini e Dresch (2016, p. 18): “quem é o público interessado [nas dissertações e teses]?; e “Como despertar o interesse daqueles que precisariam conhecer tais resultados de pesquisa, para qualificar a educação e os demais segmentos pertinentes, em âmbito local/regional?”.

Os autores sinalizam barreiras que impedem que o diálogo com quem está fora do circuito acadêmico-científico se concretize: além das características eruditas ou de formalidade acadêmica da natureza das produções, destacam a extensão longa dos textos e problemas com acesso à internet.

Não menos relevante é a questão do tempo que os professores precisariam ter disponível para ler textos de grande extensão, como costumam ser dissertações e teses. Considerando que a esses profissionais, em sua maioria, quase já não dispõem de tempo para atender todas as demandas da profissão, fica difícil imaginar que eles teriam como acompanhar resultados de investigações divulgados em textos no formato e na extensão de dissertações e teses. Se pensarmos bem, o fato é que nem mesmo pesquisadores e estudantes têm se mostrado afeitos à ideia de acompanharem resultados de pesquisas por meio da leitura de dissertações e teses. Não por acaso, as revisões de literatura se mostram, no circuito da atividade científica, alternativas bastante procuradas para cumprirem tal finalidade.



Resta-nos, pois, em meio a um cenário desafiador, porém provocador de nossas respostas, pensar o fazer científico nos termos apontados por Machado (2007, p. 142): “se há pesquisa, ela tem que oferecer um resultado. E esse resultado tem que aparecer publicamente”. Que ele apareça publicamente como possibilidade tanto de potencializar as experiências de pesquisa em si e as práticas educacionais quanto de fazer cumprir o sentido de pesquisar/publicar e da atividade de todo investigador.

4 Uma experiência de incentivo à ampla divulgação do conhecimento – o caso do PPGE

Como sustentado nas seções anteriores, não concebemos a comunicação científica como uma forma de meramente inflar o currículo do pesquisador, tampouco como uma experiência que deva resultar de algum tipo de pressão e/ou de obrigação imposta pela figura do orientador ou pelo programa de pós-graduação. Essas duas possibilidades representam, em última instância, uma descaracterização da essência do fazer ciência e do produzir conhecimento científico. Nossa proposição vai na direção de educar as novas gerações para o sentido concreto da experiência da investigação científica, enfatizando o valor e a importância da socialização dos resultados da investigação empreendida, assim como do lugar e dos impactos da atividade científica na vida das pessoas.

Quando lidamos com jovens pesquisadores que se encontram em programas de pós-graduações de nossas áreas, o desafio de instaurar uma cultura de comunicação científica efetiva e de conceber iniciativas e ações para a sua consecução nem sempre culmina nos resultados que se pretende alcançar. Há sempre muitos percalços e obstáculos no “meio do caminho”. De todo modo, é preciso se lançar no enfrentamento do desafio, como fez o Programa de Pós-Graduação em Ensino (PPGE), da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), a partir do ano de 2017.

Mesmo após queixas, questionamentos e resistência de alguns de nossos estudantes quando das ações iniciais em favor da instauração de uma cultura de comunicação científica no âmbito da pós-graduação, a experiência do PPGE/UERN tem apresentado bons resultados e pode ser tomada como bastante frutífera, a considerar o engajamento de estudantes e professores em produções conjuntas, a ampliação do número de publicações, a melhoria na qualidade das produções e a diversificação de canais e formatos de divulgação dessas produções.



Conforme atestam os relatórios do programa enviados à CAPES, o fomento da divulgação do conhecimento científico no âmbito do PPGE, nos últimos 5 anos, tem perpassado por diferentes frentes, das quais reportaremos aquelas que consideramos mais produtivas e relevantes.

Uma constatação inicial a ser sublinhada é o diagnóstico de que a produção científica de pós-graduandos e egressos do PPGE se dava sobremaneira sob a forma de trabalhos publicados em anais de eventos ou de capítulo de livro em coletâneas organizadas por algum professor⁹. Um outro diagnóstico construído foi que parte expressiva das dissertações defendidas no programa acabava não sendo retomada com o fim de uma divulgação mais ampla, ficando, no mais das vezes, como um arquivo disponível na página do programa na internet.

Como forma de enfrentamento desse cenário, o PPGE se propôs a ampliar a perspectiva de interlocução das produções desenvolvidas por seus mestrandos e mestres contemplando tanto a comunidade científica quanto a comunidade educacional no seu entorno.

Com foco na formação de seus mestrandos para o circuito da produção voltada à comunicação científica, o programa passou a: i) oferecer disciplinas de escrita e publicação científica; ii) produzir e publicar cartilhas pedagógicas objetivando a socialização de produtos educativos, materiais didáticos e metodologias de ensino para professores da educação básica; iii) ofertar oficinas e minicursos sobre revisão de literatura, submissão de trabalhos a periódicos científicos e ética e pesquisa científica; iv) incentivar a realização de trabalhos em disciplinas do curso tendo como finalidade a sua divulgação; v) envolver os estudantes na organização de eventos e de anais de eventos promovidos pelo programa; vi) envolver os estudantes como examinadores de trabalhos em feiras de ciências de escolas da educação básica do estado.

Com sua atenção voltada aos egressos, o PPGE procurou estabelecer laços e criar espaços para que muitos deles pudessem se manter próximos do cotidiano do programa e envolvidos com o universo da pesquisa e divulgação científica. Dentre as iniciativas desenvolvidas nesse sentido, constam: i) produzir e publicar cartilhas pedagógicas com foco na socialização de produtos educativos, materiais didáticos e metodologias de ensino para professores da educação básica; ii) ofertar oficinas sobre publicação científica para divulgação dos resultados da dissertação; iii) divulgar os resultados da dissertação

⁹ Nesses dois casos, como sabemos, o filtro da esperada avaliação mais criteriosa dos pares fica limitado ou é inexistente.



defendida no programa para professores da educação básica através do canal do *YouTube* do programa; iv) realizar, anualmente, o encontro de egressos do programa, envolvendo egressos na organização e programação das atividades, o que inclui atuação em coordenação de grupos de trabalhos e comissões científicas e como expositores em mesas-redondas, dentre outras tarefas; v) envolver egressos como examinadores de trabalhos em feiras de ciências de escolas da educação básica do estado.

Esse leque de iniciativas tem refletido positivamente na melhoria da produção bibliográfica e técnica do programa, considerando que houve um maior engajamento de mestrandos e egressos no conjunto dessas produções, além da melhoria propriamente nos números da produção do programa. Essas iniciativas têm, também, contribuído com a ampliação da divulgação dos resultados das investigações (as dissertações, cada vez mais, são transformadas em artigos, capítulos de livros e cartilhas pedagógicas) e com a qualificação das publicações (artigos sendo veiculados em periódicos qualificados).

A produção de cartilhas pedagógicas por estudantes e egressos do programa, reunidas na coleção *Produtos Educativos e Metodologias de Ensino*¹⁰, constitui um dos casos exemplares de iniciativa bem-sucedida no âmbito do PPGE. Implementada em 2017, essa iniciativa encontra-se, atualmente, com 5 volumes publicados e disponíveis *online* na página do programa, os quais reúnem 83 cartilhas.

Além da finalidade de ampliar a divulgação das produções do programa e de ter como proposta ser um instrumental a serviço de profissionais do ensino da educação básica, esse material tem seu impacto e valor reconhecido por diversos professores e pesquisadores, uma vez que sua produção e veiculação tem inspirado a elaboração¹¹ de diversas cartilhas em atividades de pós-graduação e de graduação da UERN, bem como de programas formativos, tais como o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) e o Residência Pedagógica, e ainda de projetos de extensão.

¹⁰ Conforme consta na apresentação da coleção, a sua finalidade “é divulgar produtos educativos, materiais didáticos e metodologias de ensino que foram desenvolvidos por discentes e docentes do PPGE a partir de pesquisas de dissertações e/ou de atividades de disciplinas ministradas no Programa”. Na proposição da coleção, consta que o propósito é “apresentar conteúdos de forma clara, dinâmica e exequível, especificando os objetivos, a faixa etária, o público-alvo, o passo a passo, os materiais, as estratégias utilizadas, sugestões de leituras, músicas, vídeos, filmes, acesso a ambientes virtuais, dentre outros”. Para conhecer a coleção, consulte a página do PPGE: <https://propeg.uern.br/ppge/default.asp?item=ppge-materiais-e-produtos-educativos>. Acesso em: 12 jan. 2023.

¹¹ Dentre as tantas cartilhas já produzidas, reportamos aqui as seguintes: *Cartilha Pedagógica: mediação da leitura e de textos em processos de autoformação*, *Cartilha: estratégia de leitura e de textos em processos de autoformação*, *Cartilhas geopedagógicas: PIBID e práticas escolares em geografia*, *Estratégias exitosas de ensino nos anos iniciais do ensino fundamental e A ciência que dá gosto aprender*.



Nesse sentido, podemos perceber que as produções do programa têm circulado por diferentes canais e formatos visando a alcançar diferentes públicos de leitores, o que representa, portanto, a possibilidade de ampliação de impacto das investigações desenvolvidas no programa junto à comunidade científica e educacional. Um desafio atual é, certamente, continuar o investimento na qualificação da produção científica e fazer com que ela possa ecoar junto ao grande público por meio dos denominados textos de divulgação científica e dos novos formatos possibilitados pelas plataformas digitais¹² de nosso tempo.

5 Como palavras finais...

Concluimos este texto evocando a ideia de que o conhecimento científico pode ser tanto mais útil quanto nos empenharmos em socializá-lo. Ele pode ser tanto mais útil quanto pudermos nos empenhar na qualificação da investigação empreendida e do texto de pesquisa por meio do qual fazemos circular os resultados encontrados.

Retomamos essa ideia aqui para deixar muito claro que não fazemos coro pela lógica da publicação pela publicação, pela face da quantidade de produtos gerados e postos a circular e seu viés competitivo (Pennarola, 2023). Fazemos a defesa pela divulgação dos resultados de toda pesquisa porque pressupomos que nela haja investimento de trabalho que precisa ser (re)conhecido e valorizado por outros sujeitos. Porque pressupomos que o conhecimento gerado deva ser utilizado por outros sujeitos – lido e citado, por exemplo, como sustenta Volpato (2007) – e impactar outras realidades e contextos. Porque pressupomos ainda que o pesquisador se forma no processo de escrita e de comunicação da ciência, no circuito que coloca o jovem pesquisador no contato e na interlocução com pesquisadores experientes.

Somos conscientes de que a indução da pesquisa e da divulgação científica, sempre concebida de forma ética e responsável, é tarefa desafiadora para todos nós, porém necessária, especialmente nestes tempos em que precisamos combater a desinformação e o negacionismo científico que atingem frontalmente também o universo acadêmico-científico, ao mesmo passo em que temos que lidar com a falta de incentivo à pesquisa e com a redução de investimentos nesse âmbito.

¹² O Programa ConexãoEnsino.com promovido pelo programa pode ser tomado como um exemplo que caminha nessa direção. Para essa atividade, que é realizada no Canal do PPGE no *YouTube*, egressos são convidados a divulgarem resultados das pesquisas desenvolvidas no programa. A proposta é tanto criar um espaço para os egressos divulguem suas pesquisas quanto estabelecer um vínculo de integração com escolas e professores da educação básica da região.



Sem cairmos na armadilha do produtivismo e na tentação da improdutividade e da inércia, mas sem, também, deixarmos de lado nosso papel de profissionais investigadores e de formadores de pesquisadores, precisamos insistir na defesa de uma divulgação mais ampla dos resultados de nossas pesquisas, não perdendo de vista as demandas de publicação próprias de nosso tempo, que vão além da comunicação de especialista para especialista.

Nesse sentido, sustentamos a compreensão de que, para além da necessidade de publicar para os pares, é urgente e inadiável estabelecermos “conversas” com o grande público. Essas conversas, para nós pesquisadores das humanidades, pressupõem pesquisas que demonstrem cada vez mais nosso comprometimento com a melhoria da vida das pessoas. Naturalmente, isso pressupõe tempo para estudos, tempo para pensar e aprofundar as ideias, tempo para o percurso da investigação em si, tempo para tecer os textos que vão divulgar os resultados e que necessitam chegar aos diferentes públicos e leitores. Apesar desses novos desafios que se apresentam, não podemos perder de vista, contudo, as possibilidades de manter diálogo com os nossos pares e com professores e demais profissionais do ensino.

Para encerrar a presente discussão, reportamos aqui uma citação de Freire (1996), que, a nosso ver, nos implica como pesquisadores e como professores comprometidos com o mundo no qual vivemos e atuamos: “Pesquisa para constatar, constatando, intervenho, intervindo educo e me educo. **Pesquisa para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade** (Freire, 1996, p. 29, grifos nosso). Que sejamos, como compromisso de todo pesquisador, vozes potentes na comunicação científica e no anúncio das novidades de nossas pesquisas!

Referências

BIANCHETTI, L. Escrever: uma das armas do professor. In: BIANCHETTI, L. **Trama e texto: leitura crítica: escrita criativa**. São Paulo: Summus, 2002. p. 97-116.

BIANCHETTI, L. O processo da escrita: elementos inibidores e facilitadores. In: BIANCHETTI, L; MEKSENAS, P. (org.). **A trama do conhecimento: teoria, método e escrita em ciência e pesquisa**. 2. ed. Campinas/SP: Papyrus, 2012. p. 239-265.

BRASIL. Ministério da Educação. Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. **Plano Nacional de Pós-Graduação (PNPG) 2011-2020**. Brasília: CAPES, 2010.

BRASIL. Ministério da Educação. Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. **Evolução do SNPG no decênio do PNPG 2011-2020**. Brasília: CAPES, 2021. Disponível em: <https://www.gov.br/capes/pt-br/aceso-a-informacao/institucional/plano->



[nacional-de-pos-graduacao-pnpg/plano-nacional-de-pos-graduacao-pnpg-2011-2020](#). Acesso em: 11 jan. 2023.

DAY, R. A. **Como escrever e publicar um artigo científico**. Tradução de Marina André de Alvarez. 5. ed. São Paulo: Livraria e Editora Santos, 2001.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 30. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

JACKEVICIUS, C. Le devoir de publier. **Can J Hosp Pharm**, Ottawa, v. 70, n. 2, p. 97-98, mar./abr. 2017.

LAVILLE, C.; DIONNE, J. **A construção do saber: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas**. Tradução de Heloísa Monteiro e Francisco Settineri Portalegre: Artes Médicas, Sul Ltda.; Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999.

MACHADO, A. M. N. Políticas que impedem o que exigem: dimensões controvertidas na avaliação da pós-graduação brasileira. **Universidade e Sociedade**, Brasília, v. 39, ano XVI, p. 137-149, fev. 2007. Disponível em: <https://issuu.com/andessn/docs/39>. Acesso em: 04 dez. 2022.

MACHADO, A. M. N. Apresentação. In: MACHADO, A. M. N. (org.). **Toc! Toc! Toc! Eu quero entrar!**: conhecimento e reconhecimento de egressos do *stricto sensu* & transformação social. Florianópolis: DIOESC, 2012. p. 21-28.

MACHADO, A. M. N.; LORENZINI, V. P.; DRESCH, J. F. Comunidades científicas locais e impacto das pesquisas na sociedade: sinergia entre egressos da pós-graduação e protagonistas sociais. **Barbarói**, Santa Cruz do Sul, n. 48, p. 9-25, jul./dez. 2016.

NETTO, C. A. Princípios para um novo modelo de avaliação da pós-graduação. **Cienc. Cult.**, São Paulo, v. 70, n. 3, p. 47-51, jul./set. 2018.

NÓVOA, A. Os professores e sua formação profissional: entrevista com António Nóvoa. Entrevista realizada por Maria Lúcia Resende Lomba e Luciano Mendes Faria Filho. **Educar em Revista**, Curitiba, v. 38, p. e88222, 2022.

PENRAROLA, C. From Academic Literacies to International Publishing: The Postgraduates' Road Map. **International Journal of English Linguistics**, Ontario, v. 13, n. 1, p. 95-104, 2023.

PICHEL, J. Así son los talleres clandestinos que producen miles de investigaciones científicas falsas. **El confidencial**, [S.l.], 2022. Disponível em: https://www.elconfidencial.com/tecnologia/ciencia/2022-12-26/talleres-clandestinos-investigaciones-falsas_3546695/?fbclid=IwAR3TU2UeSLPiWp4xUfnbs0gEUjJlgY9BMCDZxyqanSm41v9p2PSb8qOU1Og. Acesso em: 11 jan. 2022.

RIBEIRO, A. E. Prefácio. In: MENDES, E. C. da C. **Lendo como escritores: a revisão de textos colaborativa mediando o aprimoramento da competência escritora**. São Paulo: Pimenta Cultural, 2022. p. 13-15.

ROSS-HELLAUER, T.; TENNANT, J. P.; BANELYTÈ, V.; GOROGH, E.; LUZI, D.; KRAKER, P.; PISACANE, L.; RUGGIERI, R.; SIFACAKI, E.; VIGNOLI, M. Ten simple rules for innovative dissemination of research. **PLoS Comput Biol**, Cambridge, v. 1, n. 4, p. 1-12, e1007704, abr. 2020.



SAGAN, C. **O mundo assombrado pelos demônios**: a ciência vista como uma vela no escuro. Tradução de Rosaura Eichemberg. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do trabalho científico**. 23. ed. rev. e atual. São Paulo: Cortez, 2007.

SEVERINO, A. J. Pós-graduação e pesquisa: o processo de produção e de sistematização do conhecimento. **Rev. Diálogo Educ.**, Curitiba, v. 9, n. 26, p. 13-27, jan./abr. 2009.

SEVERINO, A. J. Pós-graduação, pesquisa e formação: desafios da contemporaneidade. **Revista Espaço Pedagógico**, Passo fundo, v. 19, n. 2, p. 233-246, jul./dez. 2012.

VOLPATO, G. Como escrever um artigo científico. **Anais da Academia Pernambucana de Ciência Agronômica**, Recife, v. 4, p. 97-115, 2007.

WATERS, L. **Inimigos da esperança**: publicar, perecer e o eclipse da erudição. Tradução de Luiz Henrique de Araújo Dutra. São Paulo: Editora da UNESP, 2006.

Recebido em: 23 de janeiro de 2023.

Aceito em: 19 de outubro de 2023.